

**AÇÕES DE QUALIFICAÇÃO PARA OS TRABALHADORES RURAIS EM
MUNICÍPIOS DA REGIÃO NOROESTE DO PARANÁ: O CASO DE ALTO
PARANÁ E NOVA ALIANÇA DO IVAÍ**

***ACCIONES DE CALIFICACIÓN DE TRABAJADORES RURALES EN MUNICIPIOS
DE LA REGIÓN NOROESTE DE PARANÁ: EL CASO DE ALTO PARANÁ Y NOVA
ALIANÇA DO IVAÍ***

***QUALIFICATION ACTIONS FOR RURAL WORKERS IN MUNICIPALITIES OF
PARANÁ'S NORTHWEST REGION: THE CASE OF ALTO PARANÁ AND NOVA
ALIANÇA DO IVAÍ***



Ariana Castilhos dos Santos Toss SAMPAIO¹
e-mail: ariana_marcos@hotmail.com



Juliani Vicente da SILVA²
e-mail: julianivicente17@gmail.com

Como referenciar este artigo:

SAMPAIO, Ariana Castilhos dos Santos Toss; SILVA, Juliani Vicente da. Ações de qualificação para os trabalhadores rurais em municípios da região noroeste do Paraná: o caso de Alto Paraná e Nova Aliança do Ivaí. **Revista Geografia em Atos**, Presidente Prudente, v. 10, n. 00, e026001. 2026. e-ISSN: 1984-1647. DOI: 10.35416/2026.11014.



| Submetido em: 21/05/2025
| Revisões requeridas em: 29/11/2025
| Aprovado em: 10/12/2025
| Publicado em: 17/04/2026

Editores: Prof. Dr. Nécio Turra Neto
Prof. Me. Karina Malachias Domingos dos Santos

¹ Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Paranavaí – Paraná (PR) – Brasil. Professora Doutora efetiva Tide do departamento de Geografia.

² Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Paranavaí – Paraná (PR) – Brasil. Graduanda em Geografia e bolsista de Ação Afirmativa.

RESUMO: Diante dos avanços tecnológicos no campo brasileiro, muitos postos de trabalho deixaram de existir. A inserção de máquinas agrícolas substituiu inúmeros trabalhadores em diversas atividades rurais. Na região Noroeste do Paraná, destaca-se a influência de uma usina sucroenergética que, nas décadas de 1980 a 2000, atraiu mão de obra para a região. No entanto, com o processo de modernização agrícola, grande parte desses empregos foi extinta. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo identificar os impactos da mecanização em dois municípios da região Alto Paraná e Nova Aliança do Ivaí, visando analisar quais postos de trabalho foram eliminados no campo. Além disso, foi realizado o levantamento de dados sobre os cursos de qualificação ofertados nessas cidades, com o intuito de compreender como está sendo conduzido o processo de realocação dos trabalhadores afetados. Contudo, identificamos que as políticas de qualificação realizadas têm sido consideradas ineficientes para realocar esses laboriosos.

PALAVRAS-CHAVE: Qualificação profissional. Trabalhador rural. Modernização do campo.

RESUMEN: *Dados los avances tecnológicos en el campo brasileño, muchos puestos de trabajo han dejado de existir. La introducción de maquinaria agrícola reemplazó a innumerables trabajadores en diversas actividades rurales. En la región Noroeste de Paraná se destaca la influencia de una usina sucroenergética que, entre las décadas de 1980 y 2000, atrajo mano de obra a la región. Sin embargo, con el proceso de modernización agrícola, gran parte de estos empleos fueron eliminados. En este sentido, este trabajo tiene como objetivo identificar los impactos de la mecanización en dos municipios de la región Alto Paraná y Nova Aliança do Ivaí, buscando analizar qué empleos fueron eliminados en el campo. Además, se recopilaron datos acerca de los cursos de cualificación que se ofrecen en estas ciudades, con el objetivo de comprender cómo se está llevando a cabo el proceso de reubicación de los trabajadores afectados. Sin embargo, identificamos que las políticas de calificación implementadas han sido consideradas ineficientes para reasignar a estos trabajadores.*

PALABRAS CLAVE: *Cualificación profesional. Trabajador rural. Modernización del campo.*

ABSTRACT: *In the face of technological advances in the Brazilian countryside, many jobs have ceased to exist. The introduction of agricultural machinery has replaced countless workers in various rural activities. In the northwest region of Paraná, the influence of a sugarcane powerplant stands out, which attracted labor to the region from the 1980s to the 2000s. However, with the process of agricultural modernization, many of these jobs were eliminated. In this sense, this study aims to identify the impacts of mechanization in two municipalities, Alto Paraná and Nova Aliança do Ivaí, aiming to analyze which jobs were eliminated in the countryside. In addition, data collection was conducted on the qualification courses offered in these cities, with the aim of understanding how the process of relocating the affected workers is being conducted. However, we identified that the qualification policies implemented have been considered inefficient in its objective.*

KEYWORDS: *Professional qualification. Rural workers. Countryside modernization.*

Introdução

Nas últimas décadas, o espaço agrário brasileiro passou por profundas transformações impulsionadas pela modernização agrícola, que foi intensificada a partir da década de 1970 com a expansão do meio técnico-científico-informacional (Santos, 2006). A introdução de tecnologias avançadas no campo, como maquinários agrícolas e sistemas automatizados de produção, redesenhou as dinâmicas produtivas, substituindo paulatinamente a força de trabalho humana (Silva, 1982). Esse processo, embora tenha aumentado a produtividade e consolidado cadeias agroindustriais no país, também gerou impactos sociais significativos, especialmente para os trabalhadores rurais assalariados, que se viram deslocados de seus postos de trabalho.

Na região Noroeste do Paraná, esse fenômeno foi intensificado pela territorialização do setor sucroenergético, que, por meio de incentivos como o Programa Nacional do Alcool (Proálcool), impulsionou a instalação de usinas e destilarias em municípios de pequeno e médio porte. O caso da usina Coopcana, instalada em 1979, é emblemático: chegou a empregar milhares de trabalhadores no corte manual da cana-de-açúcar. Contudo, com a mecanização da colheita e do plantio, observou-se uma drástica redução na demanda por mão de obra, desencadeando processos de desemprego estrutural e migração forçada, além de afetar diretamente a subsistência de centenas de famílias camponesas (Ribeiro, 2011, 2016).

Nesse cenário, a qualificação profissional surge como uma estratégia fundamental para mitigar os efeitos sociais da modernização do campo. No entanto, conforme evidenciado em diversas pesquisas (Silva, 2014; Silva 2011; Souza, 2002; Souza, 2008), as políticas públicas voltadas à qualificação do trabalhador rural têm sido pontuais, descontinuadas e pouco alinhadas às realidades locais. Algumas vezes, os cursos ofertados são direcionados às demandas do setor produtivo, negligenciando o perfil, as preferências e as necessidades da população trabalhadora.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar os impactos da mecanização agrícola sobre o mercado de trabalho rural em dois municípios do Noroeste do Paraná: Alto Paraná e Nova Aliança do Ivaí, bem como avaliar as ações de qualificação profissional realizadas nessas localidades. A partir da análise de dados estatísticos, entrevistas com ex-cortadores de cana e levantamento das ações formativas implementadas, busca-se compreender como a reestruturação produtiva do campo tem influenciado os destinos sociais e econômicos desses trabalhadores e quais caminhos vêm sendo construídos ou negligenciados para sua reinserção no mundo do trabalho.

Modernização agrícola e a instalação de Usinas Sucroenergéticas no Noroeste do Paraná

A década de 1970 marcou o início da modernização agrícola no país, também chamada de Revolução Verde, promoveu a expansão das fronteiras agrícolas, o fortalecimento do capitalismo agrário e o aumento da presença dos trabalhadores volantes, conhecidos como “boias-frias”.

Para que o campo acompanhasse as mudanças tecnológicas, o Estado brasileiro lançou políticas públicas que incluíram projetos de colonização, subsídios agrícolas e a instalação de polos industriais em diferentes regiões. No Paraná, especialmente no Noroeste, o setor sucroenergético foi o principal motor dessas transformações. O Programa Nacional do Alcool (Proálcool) incentivou a implantação de usinas por meio de juros baixos, prazos longos e subsídios (Mello; Fonseca, 1981).

A maioria das usinas sucroenergéticas do Paraná foi instalada a partir da década de 1970, sobretudo nas regiões Norte e Noroeste, impulsionadas pela proximidade com o estado de São Paulo e pelas condições edafoclimáticas favoráveis ao cultivo da cana-de-açúcar. Segundo Shikida (1998), das 30 indústrias instaladas no estado, 65% utilizaram recursos provenientes do Proálcool.

Esse setor territorializou-se de forma marcante, tornando-se a principal atividade econômica de pequenos municípios, que passaram a estruturar sua dinâmica conforme as necessidades das usinas (Souza, 2017; Silva, 1982). Isso incluiu a construção de moradias, a conservação de estradas e o abastecimento de armazéns para garantir a logística da produção.

A Usina Coopcana, instalada em 1979, chegou a empregar mais de 3.500 trabalhadores em 2008 (Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tamboara, 2019). Contudo, a crescente mecanização do plantio e da colheita eliminou a maioria desses postos de trabalho, e aqueles que não buscaram qualificação acabaram inseridos no mercado informal (Sampaio, 2023).

Segundo Souza (2017), as políticas públicas foram insuficientes para oferecer qualificação profissional compatível com as transformações tecnológicas, gerando desemprego estrutural. Por essa razão, a presente pesquisa buscou identificar os impactos sociais e econômicos da mecanização agrícola e verificar se os trabalhadores afetados participaram de cursos de qualificação capazes de promover sua reinserção no mercado de trabalho.

Este trabalho também identificou a atual oferta de cursos para os trabalhadores rurais dessas localidades, contudo, Sampaio (2023) enfatiza que as ações de qualificação que tem sido realizadas no meio rural ainda são limitadas e pouco visibilizadas, o que dificulta a inserção

dos trabalhadores em novas funções laborais.

Impactos da Mecanização no Campo

Após a década de 1970, o campo brasileiro passou por intensas transformações decorrentes do avanço da modernização agrícola, processo que retirou milhares de trabalhadores rurais de seus postos de trabalho. Historicamente, tanto o cultivo de grãos quanto o da cana-de-açúcar demandavam grandes contingentes de mão de obra manual. Entretanto, com a incorporação de novos pacotes tecnológicos e a mecanização crescente, especialmente nas últimas décadas, o setor sucroenergético vivenciou um processo acelerado de automação no plantio e na colheita da cana, reduzindo drasticamente a necessidade de força de trabalho humana (Silva, 1982; Sampaio, 2020; Ribeiro, 2011; 2016; Shikida, 1998).

A introdução das colhedoras mecanizadas transformou profundamente a organização do trabalho no setor. A redução quase total do corte manual implicou não apenas a eliminação de postos formais, mas também a ruptura de trajetórias de vida marcadas pela dependência histórica desse tipo de ocupação. Como mostram Thomaz Júnior (2014) e Alves (2015), a modernização do setor sucroenergético opera de forma seletiva: concentra tecnologia e produtividade em determinados polos, enquanto expande áreas de vulnerabilidade e precarização, evidenciando o caráter contraditório do avanço do capital no campo.

Do ponto de vista dos trabalhadores(as), os impactos foram múltiplos. A redução de empregos formais no corte manual levou ao aumento da competição por vagas em atividades agrícolas cada vez mais especializadas ou em setores urbanos precarizados. Esse processo expressa aquilo que Antunes (2018, 2020) denomina de desemprego estrutural, característico do capitalismo contemporâneo, no qual a tecnologia incorporada à produção elimina funções antes realizadas por amplos contingentes de trabalhadores, sem gerar, em contrapartida, novas vagas na mesma proporção. No caso da cana-de-açúcar, a automação reduziu milhares de postos de cortadores e criou um número muito menor de oportunidades para operadores de máquinas, gerando um excedente permanente de mão de obra expulsa do campo.

A consolidação da mecanização pode ser observada na própria dinâmica recente do setor. Dados da Conab (2025) indicam que 92,4% das operações de colheita foram mecanizadas, confirmando a substituição definitiva do sistema tradicional de corte manual por tecnologias automatizadas. No plantio, a expansão de plantadoras mecanizadas, que realizam

simultaneamente o preparo do solo, o plantio, a adubação e a aplicação de defensivos, também contribuiu para reduzir a participação dos trabalhadores braçais (Embrapa, 2025), reforçando a tendência de queda da demanda por mão de obra, como já antecipado por Silva (1982).

Esse processo intensificou movimentos distintos entre os trabalhadores(as). Muitos passaram a migrar em busca de ocupações urbanas de baixa remuneração; outros optaram pela migração de retorno para regiões de origem, como demonstrado por Ribeiro (2016); e parte buscou cursos de qualificação profissional para tentar se reposicionar no próprio setor agrícola (Silva, 2011). Aqui, o conceito de mobilidade territorial do trabalho, discutido por Thomaz Júnior (2003), ajuda a compreender essas dinâmicas: a reestruturação produtiva imposta pela modernização cria fluxos permanentes de deslocamento, nos quais os trabalhadores são obrigados a circular entre cidades e regiões em busca de ocupações temporárias, instáveis e marcadas pela precarização.

Contudo, estudos recentes mostram que os municípios de Tamboara e Paranavaí têm promovido poucas iniciativas voltadas à qualificação profissional como estratégia de mitigação dos impactos do desemprego estrutural gerado pela mecanização (Sampaio, 2023). Diante desse cenário, torna-se essencial ampliar as pesquisas sobre os efeitos socioeconômicos da modernização em outros municípios da área de atuação da Coopcana, como Nova Aliança do Ivaí e Alto Paraná, de modo a subsidiar gestores públicos na formulação de políticas de qualificação que possam oferecer alternativas reais para a reinserção dos trabalhadores(as). O investimento sistemático em formação profissional surge, portanto, como uma estratégia fundamental para enfrentar os efeitos da modernização agrícola e garantir novas oportunidades à mão de obra local.

Produção agrícola dos municípios de Alto Paraná e Nova Aliança do Ivaí

Para compreendermos o impacto do cultivo da cana-de-açúcar nos municípios de atuação da Coopcana: Alto Paraná e Nova Aliança do Ivaí, foi realizado um levantamento de dados da produção agrícola desses municípios, fornecendo informações quantitativas sobre a área territorial e a produção agrícola.

Com relação a comparação territorial e produtiva os municípios apresentam diferenças expressivas na área territorial: Alto Paraná com 407,556 km² e Nova Aliança do Ivaí: 131,791 km². A tabela de produção agrícola mostra algumas diferenças relevantes, observe na tabela 1

que mostra a produção agrícola em Alto Paraná (Tabela 1)

Tabela 1 – Área Colhida e Produção Agrícola pelo Tipo de Cultura Temporária em Alto Paraná

Cultura temporária	Área colhida (t)	Produção (t)
Cana-de-açúcar	2.868	173.015
Mandioca	1.860	46.500
Soja (em grão)	750	2.603
Milho em grão	198	591
Amendoim (em casca)	242	1.050
Abacaxi (mil frutos)	10	250
Feijão (em grão)	-	-
Melancia	9	360

Fonte: Ipardes, 2024.

Na Tabela 1 podemos observar a produção agrícola de Alto Paraná, aonde se destaca o cultivo da cana-de-açúcar e da mandioca, mas também apresenta outros cultivos como soja, milho, amendoim, abacaxi e melancia. Em contrapartida embora com uma área territorial menor a produção de cana-de-açúcar é maior em Nova Aliança (Tabela 2)

Tabela 2 – Área Colhida e Produção Agrícola pelo Tipo de Cultura Temporária em Nova Aliança do Ivaí

Cultura Temporária	Área Colhida (t)	Produção (t)
Cana-de-açúcar	3.725	252.276
Mandioca	1.160	25.680
Soja (em grão)	290	841
Milho em grão	120	444
Abacaxi (mil frutos)	4	115
Melancia	4	64

Fonte: Ipardes, 2024.

Como observado na Tabela 2, Nova Aliança do Ivaí possui um maior cultivo de cana-de-açúcar possivelmente devido a fatores como a proximidade com a usina processadora a Coopcana, localizada a 15 quilômetros deste município.

Contudo, podemos observar que Nova Aliança do Ivaí, com um território menor, tem uma produção de cana-de-açúcar superior, o que indica que a economia do município pode estar mais dependente desse setor, enquanto Alto Paraná tem a distribuição da sua produção mais diversificada, o que reduz a dependência de um único setor.

A produção de mandioca em Alto Paraná é maior que a de Nova Aliança, o que evidencia uma vocação econômica voltada para indústrias de fécula e farinha. Assim, Alto Paraná possui

uma agricultura um pouco mais diversificada, o que pode ser benéfico para mitigar riscos, como oscilações de mercado e pragas que afetam culturas específicas.

Já Nova Aliança do Ivaí tem uma dependência maior da cana-de-açúcar, o que pode representar um risco econômico caso o setor sofra quedas nos preços ou problemas climáticos. Nesse sentido, essa diferença pode influenciar diretamente a resiliência econômica de cada município. Em momentos de crise no setor sucroalcooleiro, Alto Paraná pode ter alternativas mais viáveis, enquanto Nova Aliança ficaria mais vulnerável.

A predominância da cana-de-açúcar em ambos os municípios influencia a destinação da produção agrícola, priorizando essa cultura como eixo estruturante das economias locais. O mercado regional, organizado em torno da cadeia produtiva do açúcar e do etanol, tem apresentado oferta reduzida de empregos diretos, uma vez que o processo de mecanização do plantio e da colheita diminuiu significativamente a necessidade de mão de obra. Esse cenário está relacionado à dinâmica do desemprego estrutural, fenômeno que, conforme discutido por Antunes (2018, 2020), se intensifica em setores nos quais a incorporação de tecnologia substitui a força de trabalho humana em larga escala e de forma permanente.

No caso dos municípios analisados, a mecanização não apenas reduziu os postos de trabalho do corte manual, como também limitou as possibilidades de reinserção no próprio setor sucroenergético, reforçando uma condição de vulnerabilidade para as famílias cuja renda dependia diretamente dessa atividade. Assim, compreender a centralidade da cana-de-açúcar na estrutura produtiva de Alto Paraná e Nova Aliança do Ivaí implica reconhecer que a ampliação tecnológica, embora aumente a produtividade municipal, não se traduz automaticamente na geração proporcional de empregos, reproduzindo o quadro de desemprego estrutural característico da modernização agrícola.

Neste sentido, visando identificar as consequências desse processo para a população local, realizamos entrevistas com ex-trabalhadores(as) do corte da cana nos municípios em estudo. Essas entrevistas permitem observar como a redução de postos formais, derivada da mecanização, impacta as trajetórias de vida, a renda e as possibilidades de reinserção profissional dessa parcela da população.

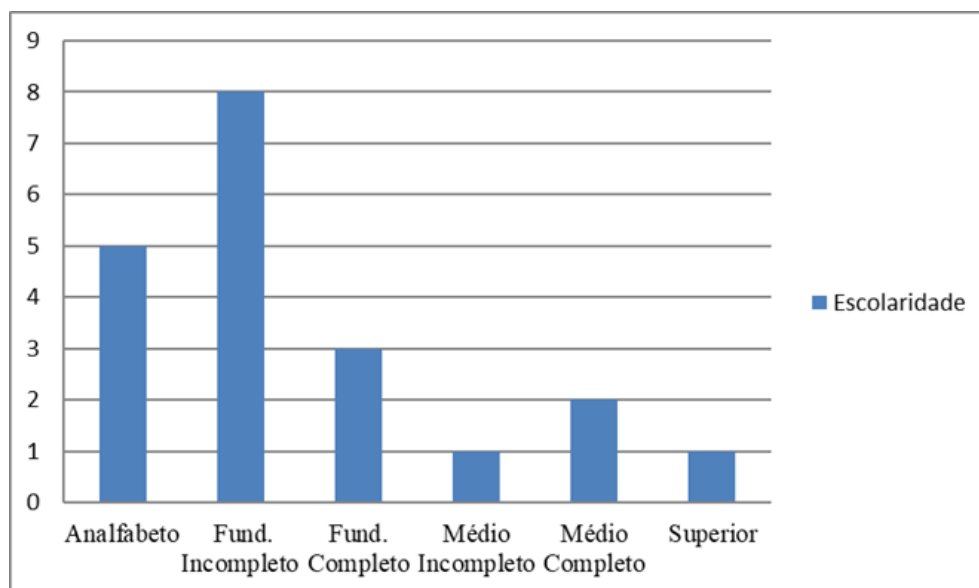
Perfil socioeconômico de ex-trabalhadores da cana-de-açúcar

Para obter dados sobre o perfil socioeconômico dos ex-trabalhadores da cana-de-açúcar,

esta pesquisa foi realizada nos municípios de Alto Paraná e Nova Aliança do Ivaí, após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Foram entrevistados 20 ex-cortadores de cana, sendo 10 de cada município, por meio de questionários com questões semiestruturadas.

O objetivo principal foi analisar as condições de vida e trabalho desses trabalhadores após o avanço da mecanização no setor sucroenergético, com ênfase em escolaridade, ocupação atual e participação em cursos de qualificação profissional. Os dados revelam um cenário marcado por vulnerabilidade social, baixa escolaridade, informalidade laboral e acesso limitado a oportunidades de formação. Esse contexto se relaciona ao que Antunes (2018, 2020) e Alves (2015) identificam como processo de desrealização do trabalhador, no qual a substituição pela máquina rompe vínculos históricos com o ofício, desloca identidades profissionais e empurra o trabalhador para múltiplas formas de sobrevivência, quase sempre precarizadas. A seguir, apresentam-se alguns dos principais resultados obtidos (Figura 1).

Figura 1 – Gráfico da Escolaridade dos ex cortadores de cana dos municípios de Nova Aliança do Ivaí e Alto Paraná – 2025

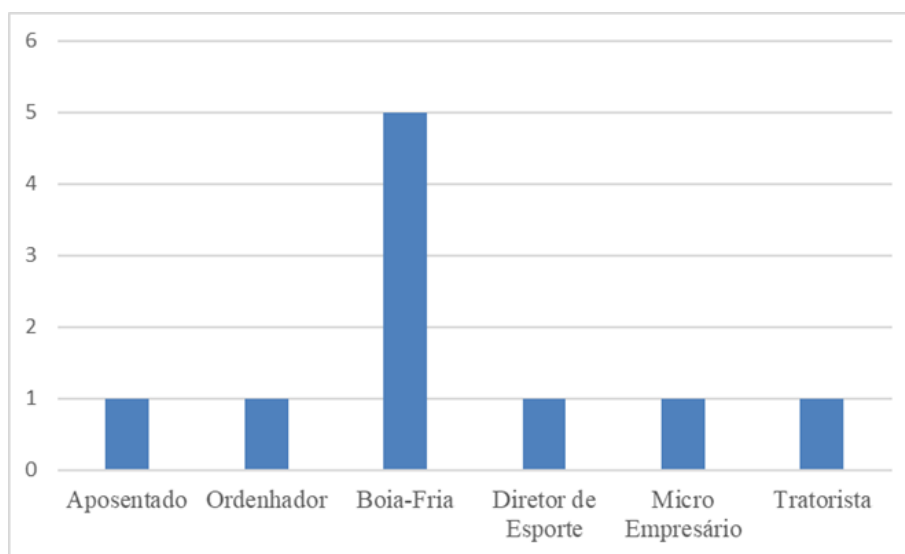


Fonte: Próprio autor, 2025.

A Figura 1 evidencia que 8 entrevistados possuem apenas o ensino fundamental incompleto; 2 concluíram o ensino médio e somente 1 possui formação superior. Esse quadro reforça a baixa escolaridade como um dos principais entraves à reinserção em empregos formais e qualificados. A insuficiência educacional limita o acesso a cursos técnicos e reduz a mobilidade ocupacional, perpetuando a permanência desses trabalhadores no mercado informal.

A ausência de políticas públicas destinadas à qualificação continuada aprofunda esse cenário. Essa realidade dialoga com as análises de Alves (2015) e Antunes (2018, 2020) sobre a precarização estrutural do trabalho, segundo as quais trabalhadores excluídos pelo avanço tecnológico enfrentam grandes barreiras para se reinserirem de forma estável no mercado. Na Figura 2, podemos verificar aonde estão trabalhando atualmente os ex cortadores de cana moradores de Nova Aliança do Ivaí.

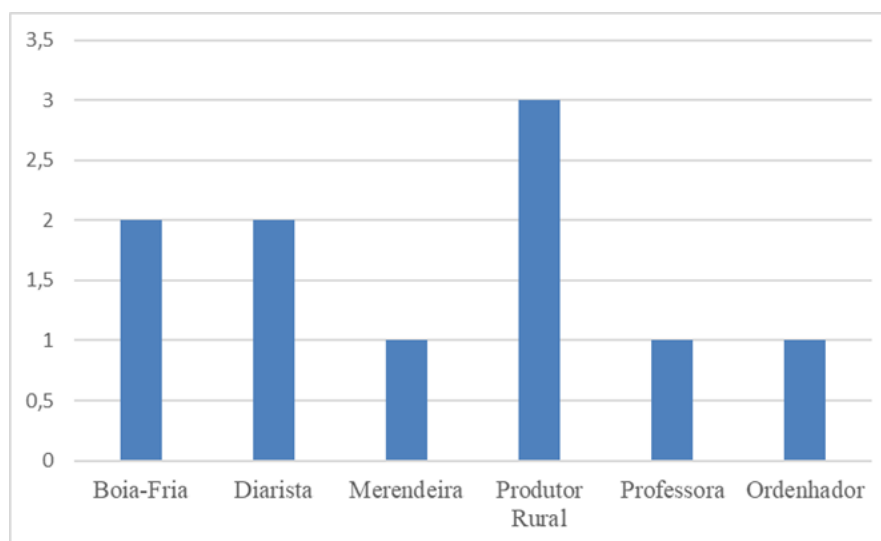
Figura 2 – Gráfico da Ocupação Laboral dos ex cortadores de cana – Nova Aliança do Ivaí-2025



Fonte: Próprio autor, 2025.

A Figura 2 mostra que 5 dos 9 entrevistados economicamente ativos atuam como boias-frias, reforçando a prevalência do trabalho rural informal na região. Os demais ocupam funções de ordenhador, tratorista, diretor de esportes e microempresário. Apenas 3 trabalhadores possuem vínculos formais, o que evidencia fragilidade nas condições de reinserção produtiva.

A predominância de trabalhadores boias-frias expressa não apenas a falta de oportunidades locais, mas também o processo de inserções precarizadas no mercado de trabalho, conforme discutem Antunes (2018, 2020) e Alves (2015). Além disso, o deslocamento entre diferentes atividades informais, muitas vezes em municípios distintos, aproxima-se daquilo que Thomaz Júnior (2003) conceitua como mobilidade territorial do trabalho, uma movimentação forçada e instável, resultado direto da reorganização produtiva imposta pela mecanização. Na Figura 3, podemos verificar onde estão trabalhando os ex-cortadores de cana residentes em Alto Paraná.

Figura 3 – Gráfico da Ocupação Laboral dos ex cortadores de cana – Alto Paraná-2025

Fonte: Próprio autor, 2025.

Em Alto Paraná, observa-se uma distribuição mais diversificada: 2 diaristas, 2 boias-frias, 1 merendeira, 1 ordenhador, 1 professora e 3 produtores rurais. Apesar da maior diversificação ocupacional em relação a Nova Aliança do Ivaí, observa-se que 7 trabalhadores ainda não possuem um emprego formal, indicando que o trabalho informal continua sendo a principal alternativa para a maioria dos ex-cortadores de cana.

A presença de diaristas, boias-frias e ordenhadores reforça a continuidade da informalidade e evidencia que a baixa escolarização limita o acesso a empregos com maior proteção social. Por outro lado, a presença de 3 produtores rurais indica estratégias individuais de sobrevivência frente à perda do trabalho no corte manual. É importante destacar que essa condição não se refere ao trabalho sazonal do corte da cana, mas sim a pequenos empreendimentos agrícolas desenvolvidos pelos próprios trabalhadores após seu desligamento do setor sucroenergético, iniciativas que representam formas de reconstrução ocupacional diante da ausência de alternativas formais.

Ex-cortadores de cana e a qualificação profissional: desafios na reinserção

A qualificação profissional desempenha um papel fundamental na reinserção dos ex-cortadores de cana no mercado de trabalho, especialmente diante das transformações ocorridas no setor agrícola, marcadas pela mecanização e redução da mão de obra manual. Muitos desses

trabalhadores, ao serem desligados da atividade canavieira, enfrentam dificuldades para se adaptar às novas exigências do mundo do trabalho, que demanda competências técnicas específicas e formação continuada. Nesse contexto, a oferta de cursos de qualificação se torna essencial para ampliar as possibilidades de inserção em outras áreas produtivas, reduzir a informalidade e promover melhores condições de vida. A seguir, são apresentados os dados referentes aos cursos de qualificação realizados pelos ex laboriosos do corte da cana (Quadro 1).

Quadro 1 – Cursos de qualificação realizados pelos ex-cortadores (as) de cana nos municípios de Alto Paraná e Nova Aliança do Ivaí – 2025

Cursos	Alto Paraná	Nova Aliança do Ivaí
Artesanato	1	-
Tratorista	6	1
Manejo de Horta	1	-
Eletricista Predial	-	1

Fonte: Próprio Autor, 2025.

Como podemos identificar no Quadro 1, o curso de tratorista aparece como o mais comum, especialmente entre os entrevistados de Alto Paraná, com seis participantes. Isso sugere que muitos buscaram continuar ligados ao meio rural, agora em funções que exigem operar máquinas, reflexo direto da mecanização que os afastou do trabalho anterior.

Em Nova Aliança do Ivaí, apenas um trabalhador realizou esse mesmo curso. Os demais cursos citados como manejo de horta, artesanato e eletricista predial foram feitos por um número ainda mais reduzido de pessoas, o que mostra o quanto o acesso à formação profissional é restrito para esse público.

É importante destacar que esses cursos não foram necessariamente ofertados nos próprios municípios, o que indica que alguns trabalhadores precisaram buscar capacitação em outras localidades. Isso, por si só, já representa uma barreira: nem todos têm condições financeiras ou disponibilidade para se deslocar em busca de formação. A falta de políticas públicas locais que garantam acesso a cursos de qualidade, gratuitos e com apoio logístico, acaba dificultando ainda mais a chance de uma reinserção digna no mercado de trabalho.

Diante disso, fica evidente a importância de se investir em programas de qualificação mais acessíveis, voltados às necessidades reais dessas pessoas, que por anos contribuíram com esforço físico intenso nas lavouras de cana-de-açúcar. Valorizar esses trabalhadores é também

oferecer caminhos para que eles possam reconstruir suas trajetórias com dignidade.

Assim, identificamos que a falta de qualificação tem sido um empecilho para que esses laboriosos sejam novamente inseridos no mercado de trabalho, como também a falta de qualificação faz com que a renda desses trabalhadores fique entorno de 1 a 2 salários mensais. Observe a renda média mensal desses laboriosos (Quadro 2).

Quadro 2 – Renda Média mensal dos ex cortadores (as) de cana nos municípios de Alto Paraná e Nova Aliança do Ivaí – 2025

Renda	Alto Paraná	Nova Aliança do Ivaí
Até R\$1.518,00	4	6
De R\$1.518,00 a R\$2.277,00	-	1
De R\$2.277,00 a R\$3.036,00	4	3
Acima de R\$ 3.036,00	2	-

Fonte: Elaborado pela autora, 2025.

Nos Quadros 1 e 2 podemos analisar que os dados referentes à qualificação e renda dos ex-cortadores de cana nos municípios de Alto Paraná e Nova Aliança do Ivaí revela uma correlação significativa entre a qualificação profissional e a melhoria salarial. Em Alto Paraná, 8 trabalhadores participaram de cursos de qualificação, enquanto em Nova Aliança do Ivaí apenas 2 buscaram essa formação.

Essa discrepância na qualificação reflete diretamente na distribuição de renda dos trabalhadores em cada município. Em Alto Paraná, observa-se uma maior concentração de ex-cortadores de cana nas faixas salariais mais elevadas: até R\$1.518,00: 4 trabalhadores e de R\$2.277,00 a R\$3.036,00: também 4 laboriosos e acima de R\$3.036,00: 2 trabalhadores. Em contraste, em Nova Aliança do Ivaí, a maioria dos trabalhadores encontra-se nas faixas salariais inferiores: até R\$1.518,00: 6 trabalhadores, de R\$2.277,00 a R\$3.036,00: 3 trabalhadores, de R\$1.518,00 a R\$2.277,00: 1 trabalhador, e acima de R\$3.036,00 nenhum trabalhador.

Esses dados indicam que a falta de qualificação tem sido um obstáculo expressivo para a reinserção desses trabalhadores no mercado de trabalho e para a melhoria de sua renda. Entretanto, é importante considerar que a ausência de qualificação não decorre apenas de escolhas individuais, mas faz parte de um processo mais amplo de precarização das relações de trabalho. Historicamente, o trabalho no corte manual da cana, assim como outras atividades do chão de fábrica e de agroindústrias, exigia pouca ou nenhuma qualificação formal. Assim, ao serem substituídos pelo maquinário, esses trabalhadores se veem obrigados a buscar alternativas mínimas de sobrevivência, muitas vezes em ocupações informais e de baixa

remuneração, para as quais também não se exigem níveis elevados de escolarização.

Nesse sentido, a insuficiência educacional somada à falta de qualificação prévia amplia as dificuldades de reinserção desses ex-cortadores de cana em atividades formais com maior proteção social. Essa condição está diretamente relacionada ao processo de precarização estrutural do trabalho, discutido por Alves (2015) e Antunes (2018, 2020), no qual trabalhadores tradicionalmente inseridos em funções que exigiam baixa qualificação acabam encontrando enormes barreiras ao buscarem novas oportunidades após a mecanização. A ausência de cursos técnicos adequados ou acessíveis mantém a maioria desses profissionais restrita às faixas salariais de um a dois salários mínimos mensais, perpetuando sua vulnerabilidade social.

Diante disso, é evidente que investimentos em programas de qualificação profissional são essenciais para promover a reintegração desses trabalhadores ao mercado de trabalho e assegurar-lhes condições de vida mais dignas. Os resultados desta pesquisa corroboram a constatação de que a maioria não participou de cursos de qualificação ao longo da vida laboral, o que dificulta não apenas o acesso ao emprego, mas também a ocupações com melhor remuneração e maior estabilidade.

Assim, compreende-se que, para promover a inclusão econômica desses trabalhadores, é fundamental ampliar a oferta de cursos de qualificação que contemplem áreas como mecânica agrícola, agroindústria, agrofloresta, artesanato, horticultura orgânica, empreendedorismo rural, entre outras. Essas formações possibilitariam o desenvolvimento de habilidades específicas alinhadas às demandas locais, ampliando as chances de inserção em empregos formais.

Além disso, para que tais oportunidades sejam efetivas, é necessário garantir políticas públicas que assegurem acesso gratuito às capacitações e facilitem o deslocamento até os locais de formação, evitando que barreiras econômicas e logísticas impeçam a participação desses trabalhadores. Essa perspectiva está em consonância com reflexões de Thomaz Júnior (2003), ao destacar que processos de reorganização produtiva exigem políticas estruturadas de suporte ao trabalhador, especialmente na transição para novas atividades. Dessa forma, seria possível construir um cenário mais inclusivo e com melhores perspectivas de futuro para essa população. Vejamos no próximo subtítulo as ações de qualificação que foram ofertadas nos municípios de Alto Paraná e Nova Aliança do Ivaí.

Iniciativas municipais de qualificação em Alto Paraná e Nova Aliança do Ivaí

Com o advento da modernização agrícola, a qualificação de trabalhadores surge como uma estratégia para mitigar os efeitos do desemprego estrutural, intensificados pela evolução tecnológica nos processos produtivos. Tanto no contexto urbano quanto no rural, a demanda por mão de obra qualificada se faz cada vez mais presente para suprir os novos postos de trabalho emergentes.

Por outro lado, temos autores como Harvey (2011) e Martins (2002) enfatizam que a qualificação tem-se colocado como um processo de doutrinação para atender os ditames do capital, onde tem ocorrido a mercantilização da qualificação, sendo transferido para o trabalhador a responsabilidade pela situação de desemprego. Contudo, o fato permanece: aqueles que não se qualificam frequentemente enfrentam desemprego ou são relegados a posições menos favoráveis no mercado de trabalho.

As políticas de qualificação que vem sendo efetivadas até o momento têm recebido muitas rupturas de um governo para outro. O poder público tem se omitido e transferido para o empresariado o direcionamento da oferta de qualificação (Silva, 2011).

Notamos a necessidade de políticas de qualificação de Estado, as quais podem ser aprimoradas ao longo dos anos. Percebemos a necessidade de políticas de qualificação que não levem apenas o interesse em qualificar para postos exigidos pelo mercado de trabalho. A qualificação deve ser vista como capacidade de desenvolvimento das potencialidades humanas. Vejamos os cursos de qualificação realizados nos municípios de Alto Paraná e Nova Aliança do Ivaí (Quadro 3).

Quadro 3 – Cursos ofertados em 2025 – Alto Paraná e Nova Aliança do Ivaí

ALTO PARANÁ	NOVA ALIANÇA DO IVAÍ
Oficina de Docinhos Gourmet	Palestra – Empreendedorismo
Oficina de Panificação	Evento de Formalização / Empreendedorismo
Oficina de Bolo de Pote	Feira do Empreendedor – Nova Aliança do Ivaí
Oficina de Salgado	Oficina Presencial – Precificação para Artesanato e Serviços

Oficina do Curso Massas e Molhos

Curso de Pizzaiolo

Oficina Presencial – Trilha do MEI: Administrar

Oficina – Panificação

Oficina – Derivados de Leite

Fonte: Próprio Autor, 2025.

Embora exista uma variedade de oficinas e palestras, a maioria dos cursos ofertados nos dois municípios é de curta duração e não leva em consideração o perfil dos trabalhadores rurais. A formação é, em grande parte, aligeirada, sem aprofundamento técnico ou acompanhamento pós-formação.

Durante as entrevistas, muitos cortadores de cana relataram o desejo de permanecer atuando no meio rural, mas apontaram que os cursos ofertados até o momento não dialogam com essa realidade. A falta de afinidade com os temas abordados foi um dos motivos que levou à baixa participação em cursos de qualificação.

Dessa forma, compreendemos a importância de levar em conta o perfil do trabalhador, as suas preferências, pois qualificar apenas para atender o interesse e a necessidades do mercado, não possibilitará o desenvolvimento das potencialidades, sua capacidade criativa e muito menos a sua cidadania (Campos, 2007).

É preciso levar em conta o perfil do trabalhador e próximo a estes municípios tem o SENAR localizado na cidade de Paranavaí, com um planejamento adequado outros cursos podem ser ofertados levando em conta o perfil do trabalhador rural. Vejamos alguns exemplos de cursos que podem ser realizados na área rural que necessitam de qualificação para serem executadas com eficácia (Quadro 4).

Quadro 4 – Cursos para qualificar o trabalhador do campo

<i>Cursos</i>	<i>O que o aluno irá aprender</i>
Agricultura orgânica	Sistemas produtivos, adubação agroecológica e métodos caseiros de controle de pragas e doenças por meio de preparo de caldas naturais.
Produção artesanal de alimentos	Fazer alimentos que além de deliciosos são uma forma de aproveitar frutas excedentes na produção da época (safra).
Artesanato em madeira-básico de bambu	A técnica do rachamento e da amarração simples, que são utilizadas, por exemplo, na confecção de tochas. Além disso, o curso ensinará a fazer o acabamento das peças.
Artesanato em palha de milho- trançados	Trabalhar com a matéria-prima desde a sua colheita, passando pela seleção da palha, pela escolha das ferramentas que serão utilizadas, pela limpeza e corte correto na espiga, pelo beneficiamento e coloração da palha, até a confecção de um cesto e de uma bolsa.

Floricultura básica	Sobre viveiros de produção de mudas, tipos de substratos mais adequados para diferentes espécies de flores, técnicas de multiplicação, os principais tratos culturais para manter as flores e plantas ornamentais sempre bonitas e viçosas, além do controle das pragas e doenças que mais atacam essas plantas.
Morangueiro básico	O plantio de morangos e obter informações básicas sobre a cultura.
Maracujazeiro básico	Implantar um pomar de maracujá em suas propriedades ou, até mesmo, àqueles que já atuam na cadeia e querem profissionalizar sua produção.
Olericultura - processamento mínimo - princípios e práticas	O processamento mínimo de hortaliças, esta técnica se refere aos produtos vegetais que sofrem uma série de operações que os tornam prontos para o consumo e preparo.
Equideocultura	Casqueamento e doma de equinos
Prestação de serviços	Construir cercas - seja de arame farpado ou de arame liso
Roçadeira	Utilizar roçadeira em atividades agropecuárias
Turismo rural	O turismo e a hospitalidade no meio rural, os tipos de hospedagem, os serviços de alimentação e também como avaliar a satisfação do turista.

Fonte: Senar, 2023.

O Quadro 4 apresentado reúne cursos disponibilizados pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), voltados à capacitação de produtores e trabalhadores rurais. Os conteúdos contemplam desde técnicas agrícolas, como a agricultura orgânica e o cultivo de morango e maracujá, até áreas complementares como o artesanato, a floricultura, a prestação de serviços e o turismo rural. São propostas formativas que, além de fomentar o desenvolvimento produtivo, também contribuem para a diversificação de atividades no meio rural e para a valorização do saber local.

Embora todos esses cursos estejam listados no catálogo oficial do SENAR, observa-se que, nos municípios analisados, tais formações não têm sido efetivamente ofertadas. Mesmo quando as instituições locais firmam parcerias com o SENAR, a seleção dos cursos disponibilizados desconsidera, muitas vezes, o perfil socioeconômico e as reais necessidades dos pequenos agricultores e trabalhadores assalariados do campo.

Na prática, tem-se observado uma tendência de terceirização das ações formativas para o Sistema “S”, sem o devido planejamento territorial ou diagnóstico prévio da realidade rural local. Falta, portanto, uma iniciativa mais estratégica por parte dos gestores municipais e das instituições parceiras para que a oferta de cursos esteja alinhada com os desafios enfrentados no campo, promovendo uma qualificação condizente com a diversidade e especificidade das atividades rurais.

Diretrizes internacionais sobre qualificação no campo

Outras habilidades importantes para o setor rural também são evidenciadas no site norte-americano chamado Zippia (2023) tais como: realizar a colheita, cortar a grama, manusear equipamentos agrícolas com destreza, fazer manutenções preventivas em equipamentos, lidar com bovinos de corte, bem como a manutenção de equipamentos e serviços de vermifugação, alimentação, pinagem e comercialização de insumos, além de ter destreza e habilidade de escuta e força física.

O papel da OIT, segundo Zippia (2023) é levar treinamento e habilidades às pessoas como forma de enfrentar os desafios da pobreza. Segundo a instituição:

Ao promover a empregabilidade e ampliar as oportunidades de geração de renda, a capacitação profissional pode tirar mulheres e homens da pobreza e fomentar meios de subsistência rurais sustentáveis. O Programa de Treinamento para o Empoderamento Econômico Rural (TREE), da OIT, constitui um exemplo de abordagem comprovada que auxilia pessoas que vivem em comunidades rurais pobres a desenvolver as habilidades e capacidades necessárias para o emprego e para a geração de renda (OIT, 2023, s/p, tradução nossa).

Em outras palavras, a formação profissional pode ser um instrumento eficaz de inclusão social e combate à pobreza no meio rural. A OIT elaborou o manual “Training for Rural Economic Empowerment – TREE”, voltado para orientar gestores e parceiros na implementação de programas de qualificação adaptados às realidades locais, priorizando grupos vulneráveis como mulheres, pessoas com deficiência e trabalhadores informais.

O Manual Genérico do TREE não é um modelo rígido de projeto, mas um guia elaborado especificamente para planejar, desenhar e implementar programas de formação e de apoio pós-treinamento voltados ao empoderamento de pessoas pobres e de suas comunidades. Trata-se de um documento abrangente que apresenta processos sistemáticos para a implementação de um programa de desenvolvimento de habilidades baseado na metodologia TREE. O manual reúne diretrizes, ferramentas de aplicação e materiais que auxiliam planejadores, gestores de projetos e parceiros responsáveis por programas de desenvolvimento de competências no âmbito de estratégias de redução da pobreza e de promoção do empoderamento (OIT, 2023, s/p, tradução nossa).

Esse documento, na verdade, conforme a própria instituição, serve de orientação e guia para outras organizações a fim de que grupos-alvos desfavorecidos, como mulheres pobres e pessoas com deficiência, tenham oportunidades de emprego e sejam, economicamente,

emponderados.

Contudo, no Brasil o que tem sucedido é uma incipiente ação do Estado para qualificar o trabalhador rural o que também tem ocorrido em outros países. Conforme Martin (2020), ao analisar o mercado de trabalho americano, mexicano e de outros países, observa-se que as tentativas e ações dos sindicatos e do comércio a fim de proteger os trabalhadores rurais não dão conta de todos os trabalhadores, havendo muita exclusão e, consequentemente, ineficácia na sua habilitação para os postos de trabalho e demandas do mercado do agronegócio. Com isso, esses trabalhadores sofrem com o desemprego, devido à escassez de recursos que os assiste.

Nesse sentido, compreendemos que o Estado investe cada vez mais em modernização agrícola e a responsabilidade pelo desemprego recai cada vez mais sobre os ombros dos laboriosos. Chegamos, então, às considerações de que um investimento focado em qualificação e formação da população poderia transformar a realidade de milhões de trabalhadores atualmente desempregados ou dependentes de trabalhos informais. Tal abordagem não apenas ampliaria as oportunidades de empregabilidade, mas também atuaria como um mecanismo para reduzir as persistentes desigualdades sociais no Brasil.

Considerações finais

O presente trabalho demonstrou que a qualificação profissional, apesar de ser uma ferramenta estratégica para o desenvolvimento econômico e social, não é suficiente, por si só, para enfrentar os desafios do desemprego estrutural ocasionado pela modernização agrícola. A mecanização e automação das atividades no campo vêm eliminando ocupações tradicionais, especialmente no setor canavieiro e na agricultura familiar, sem que políticas públicas eficazes sejam implementadas para reabsorver essa força de trabalho. Esse cenário reforça o que autores como Antunes (2018, 2020) e Alves (2015) apontam: a reestruturação produtiva e o avanço tecnológico tendem a aprofundar a precarização das relações de trabalho, afetando principalmente grupos historicamente vulneráveis.

No Noroeste do Paraná, região onde se concentram as análises deste estudo, a dependência econômica do setor agroindustrial, em especial da cana-de-açúcar, torna ainda mais grave a ausência de políticas consistentes de qualificação. A cada novo governo, programas são descontinuados ou reformulados, o que evidencia a inexistência de políticas de

Estado que garantam continuidade, planejamento e resultados concretos.

Além disso, foi possível constatar que a maior parte das iniciativas de qualificação é terceirizada para o Sistema “S” ou para instituições privadas, financiadas com recursos públicos. Essa delegação de responsabilidades, somada à baixa flexibilidade dos critérios de acesso e à escassa divulgação dos cursos, restringe o alcance das ações. Grupos em situação de vulnerabilidade, como mulheres, pessoas com baixa escolaridade e moradores da zona rural, permanecem à margem dessas oportunidades, reproduzindo desigualdades que se acumulam ao longo de gerações.

Outro ponto crítico observado foi a ausência de acompanhamento sistemático por parte do poder público ao longo do processo formativo. Não há monitoramento desde a matrícula até a inserção dos egressos no mercado de trabalho. Isso contribui para o alto índice de evasão, uma vez que as dificuldades enfrentadas pelos participantes não são identificadas nem solucionadas, reforçando o ciclo de informalidade e instabilidade laboral descrito por autores que analisam a precarização contemporânea do trabalho.

Diante desse panorama, defendemos a formulação de políticas públicas estruturadas, permanentes e territorializadas, que integrem a qualificação profissional à empregabilidade e ao desenvolvimento humano. A formação deve ser pensada para além das demandas pontuais do mercado: ela deve promover cidadania, autoestima e inserção social. É necessário ouvir os atores locais, respeitar os contextos regionais e garantir o protagonismo dos trabalhadores rurais.

Investir em qualificação com foco na inclusão social é fundamental para romper ciclos históricos de desigualdade e exclusão. O Estado deve assumir um papel central nesse processo, assegurando que trabalhadores rurais tenham acesso a oportunidades de formação capazes de transformar suas realidades. Somente assim será possível construir uma sociedade mais justa, com geração de renda, dignidade e sustentabilidade no campo.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **Dimensões da precarização do trabalho**: ensaios de sociologia do trabalho. 2. ed. Bauru: Canal 6, 2015.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2020.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

CAMPOS, Ricardo Luiz Sapia de. **Qualificação Profissional e Sindicatos. Entre Estado, Capital e Trabalho**: um estudo de casos no meio rural de Ribeirão Preto. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós Graduação em Sociologia. Faculdade de Ciências e Letras Unesp/Araraquara, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106304>. Acesso em 20 fev. 2023.

COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO (CONAB). **Acompanhamento da safra brasileira de cana-de-açúcar**: safra 2024/25 – 4º levantamento. Brasília, abr. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/safra-de-cana-de-acucar/arquivos-boletins/4o-levantamento-safra-2024-25/boletim-cana-de-acucar-4o-levantamento-2024-25>. Acesso em: 21 maio 2025

EMBRAPA. **Plantio mecanizado**. Brasília, 2025. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agencia-de-informacao-tecnologica/cultivos/cana/producao/manejo/plantio/plantio-mecanizado>. Acesso em: 21 fev. 2025

HARVEY, David. **O enigma do capital**: e as crises do capitalismo. Tradução de João Alexandre Peschanski. São Paulo: Boitempo, 2011.

INSTITUTO PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL (IPARDES). **Caderno Estatístico: Nova Aliança do Ivaí**. Curitiba, 2024. Disponível em: <http://www.ipardes.gov.br/cadernos/MontaCadPdf1.php?Municipio=87790&btOk=ok>. Acesso em: 12 nov. 2024.

MARTIN, Philip. **The prosperity paradox**: fewer and more vulnerable farm workers. Oxford: Oxford University Press, 2020.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**: Novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MELLO, Fernando Homem de; FONSECA, Eduardo Giannetti da. **Proálcool, energia e transporte**. São Paulo: Editora Pioneira, 1981.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Rural skills training**: a generic manual on training for rural economic empowerment (TREE). Genebra, 2023. Disponível em: https://www.ilo.org/sites/default/files/wcmsp5/groups/public/@ed_emp/@ifp_skills/documents/publication/wcms_469456.pdf. Acesso em: 8 abr. 2023.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). **Skills for rural employment**. Genebra, 2023. Disponível em: https://www.ilo.org/skills/areas/skills-for-youth-employment/WCMS_672167/lang--en/index.htm. Acesso em: 8 abr. 2023.

RIBEIRO, Vitor Hugo. **Mobilidade forçada e exploração da força de trabalho: um Olhar para os trabalhadores da cana-de-açúcar do noroeste Paranaense**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá (UEM), Maringá, 2011.

RIBEIRO, Vitor Hugo. **Os “cassacos” migrantes de Tamboara-PR: a mobilidade forçada e as resistências no processo de produção do espaço geográfico de Jardim-CE**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

SAMPAIO, Ariana Castilhos dos Santos Toss. **As políticas do setor sucroenergético e as políticas sociais de qualificação em municípios do noroeste do Paraná**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2023.

SAMPAIO, Ariana Castilhos dos Santos Toss. **O trabalho das cortadoras de cana-de-açúcar no município de Tamboara - PR**. 2020. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SHIKIDA, Pery Francisco Assis. **A Evolução diferenciada da agroindústria canavieira no Brasil de 1975 a 1995**. Cascavel: Edunioeste, 1998.

SILVA, Jorge Alexandre da. Basta qualificar? **O Pronatec como estratégia de inclusão produtiva do plano Brasil Sem Miséria**. 2014. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

SILVA, José Graziano da. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SILVA, Sandra Regina Paz da. **A “nova” política pública de qualificação profissional do Brasil**. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

SINDICATO DOS TRABALHADORES RURAIS DE TAMBOARA. **Informações e dados sobre a Usina Coopcana**. Tamboara, 2019. Informação obtida por meio de consulta direta realizada pelo autor.

SOUZA, Antônio Ricardo de. Políticas públicas, Políticas de Formação Profissional e de Emprego e Renda no Brasil: uma agenda pública de debates. **Revista de Estudos Sociais**, v. 4, n. 7, 2002. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/res/article/download/181/171/172>. Acesso em: 02 dez. 2025.

SOUZA, José dos Santos. A qualificação do trabalhador no contexto da construção de nova regularidade para a produção social da vida material no capitalismo contemporâneo. *In*: TUMOLO, Roberto; BATISTA, Roberto Leme. (org.) **Trabalho, Economia e Educação: perspectivas do capitalismo global**. Maringá: Praxis; Mansoni, 2008.

SOUZA, Marcos Antônio. **Desdobramentos da territorialização do setor sucroenergético no Estado do Paraná**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000213995>. Acesso em: 30 mar. 2024.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. Capital, trabalho, território e sustentabilidade: a Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro. **Revista Campo-Território**, Uberlândia, v. 9, n. 18, 2014. DOI: 10.14393/RCT91827068. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/27068>. Acesso em: 17 abr. 2026.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. O trabalho como elemento fundante para a compreensão do campo no Brasil. In: ENCONTRO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA – SBS, 11., 2003, Campinas. **Anais [...]** Campinas: SBS, 2003. Disponível em: <https://portal.sbsociologia.com.br>. Acesso em: 2 dez. 2025.

ZIPPIA. **Farm worker skills for your resume and career**. San Francisco, 2023. Disponível em: https://www.zippia.com/farm-worker-jobs/skills/?survey_step=step12. Acesso em: 2 dez. 2025.

CRediT Author Statement

- ☐ **Reconhecimentos:** Reconhecimento a Universidade Estadual do Paraná pelo fomento de Bolsa de Iniciação Científica (AF UNESPAR).
 - ☐ **Financiamento:** Bolsa de Iniciação Científica – Ação Afirmativa UNESPAR – Campus Paranavaí.
 - ☐ **Conflitos de interesse:** Não.
 - ☐ **Aprovação ética:** Foi aprovado pelo comitê de ética da UNESPAR Campus Paranavaí.
 - ☐ **Disponibilidade de dados e material:** Dados sobre a produção agropecuária sim nos sites mencionados. Dados da entrevista de campo se for aceito será divulgado neste trabalho.
 - ☐ **Contribuições dos autores:** A primeira autora é orientadora e coletou os dados e redigiu o trabalho; O segundo autor bolsista/PIC contribuiu na coleta de dados.
-